



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Zen, intuição e arte

O zen como instrumento de
conhecimento

A história de Pietje

Aproximar-se do zen

O valor pessoal

A dualidade do homem



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

Editor responsável

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huis

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoom

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthom,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
pentagram.lr@planet.nl

Edição Brasileira

Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-5638
www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira

Revisão final

M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores

A. S. Abdalla, S. P. Cachemaille,
M. H. Figueiredo, J. Jesus, R. Dias de Luz,
F. M. da Silva Luz, M. S. Sader,
U. B. Schmid, M. V. Mesquita de Sousa,
C. H. Vasconcelos.

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

pentagrama

Ano 32 número 4 2009

O caminho do zen

Neste número da revista Pentagrama, empreendemos uma viagem de descoberta pelos ricos campos do zen, com o auxílio de imagens e textos que ultrapassam a lógica do pensamento racional.

O Espírito original não faz distinção entre as “dez mil coisas” que nos cercam; elas são como são e provêm do mesmo núcleo central. Se quisermos compreender o mistério de sua essência comum, devemos nos libertar de toda ilusão. O Espírito reconhece o movimento na calma e a calma no movimento. Assim, um se dissolve no outro. Se esses princípios contrários desaparecessem, a própria unidade talvez deixasse de existir. A essa verdade superior não se aplicam nem leis nem descrições. Conhecemos nós o Espírito universal? Ele está em total harmonia com o caminho quando todo desejo egocêntrico desaparece. Dúvidas e hesitações dissolvem-se em uma vida plena de confiança. De um golpe somos libertos de nossa prisão, nada nos prende e não nos prendemos a nada.

sumário

dos ensinamentos de hermes

j. van rijckenborgh 2

intuição no zen e za-zen 7

a história de pietje - a arte zen do tiro com o arco e a verdadeira espera

guido van meir 12

a arte zen

francisco casanueva 18

o zen como instrumento de conhecimento

jesús zatón 22

aproximar-se do zen 29

zen, intuição e arte

mar lópez 32

o valor pessoal 36

Capa:

Flores de cerejeira no templo Kaneit de Tóquio. No Japão há uma sentença de um mestre zen que diz: “O sábio escuta que não há som e vê que não há forma”.

Foto de Daniel e Olivier Föllmi

a dualidade do homem

DOS ENSINAMENTOS DE HERMES

“**D**entre todas as criaturas da natureza, só o homem é dual”, assim diz Pimandro no *Corpus Hermeticum*. Por um lado, encontra-se no sistema humano a semente de imortalidade, a centelha do Espírito, também denominada rosa-do-coração; por outro, encontra-se a natureza humana mortal, a forma natural. Não se encontra outro ser que possua semelhante natureza dupla.

E assim surgiu, pela queda dos filhos primordiais de Deus, este estado muito notável, o fato de que, em miríades de entidades mortais, encontra-se diferenciada a semente do Espírito; e que todas essas miríades de entidades, nas quais se encontra a semente de Deus, reunidas como povo dos filhos de Deus, podem multiplicar-se, tornando-se uma multidão que ninguém pode contar.

Assim pode acontecer, e acontecerá, que tudo o que a princípio era pecado e culpa, e mais as suas correspondentes conseqüências, transformar-se-á finalmente numa maravilha ainda maior e mais poderosa do que antes fora possível, numa inesperada bênção. Mas, para que essa bênção se manifeste realmente, uma vigorosa intervenção torna-se essencial. Então muito deve acontecer! Portanto, só aqui se encontra a grande possibilidade, encontra-se oculto o mistério de que por efeito de uma queda, por efeito de pecado e culpa, pode resultar semelhante bênção, para provar que o Espírito, o amor, é sempre o vitorioso. Quem alcança o discernimento sobre a índole de seu ser nascido da natureza é capaz de se libertar de sua dualidade e de retornar à sua divindade original. Reconheci isso, se pelo menos já estiverdes conscientes neste momento de que possuíis uma centelha do Espírito. Reconheci agora se estais conscientes

de vossa dualidade – por um lado o ser natural, por outro lado a rosa do coração, o verdadeiro homem original – e vede a possibilidade de salvação, se estiverdes conscientes de possuir uma centelha do Espírito. Então, não sois culpados pessoalmente, como ser natural, da essência do pecado, como os nossos antepassados reformadores ortodoxos sugeriram; pois, como entidade nascida da natureza, sois completamente unos com a essência da dialética. O caminhar das coisas na sétima região cósmica foi e é inevitável para toda entidade ligada a esta natureza. Não, como possuidor da rosa, o homem só pode tornar-se consciente da incoerência existencial, da absurda existência do aprisionamento. Essa é a consciência do pecado, que a Doutrina Universal considera desde o princípio: que o homem verdadeiro, o homem-espírito, torne-se consciente de seu calabouço, de seu presente estado de ser.

A consciência do pecado é, segundo o versículo 39 [de Pimandro], estar consciente de sua absoluta imortalidade e do seu poder sobre todas as coisas e, apesar disso, sofrer o destino dos mortais, em razão de estar submetido ao fatum; de ser mais nobre do que tudo o que há na dialética e, no entanto, ter de ser seu servo; saber que “o Pai está em mim, aquele que não dorme, que me governa e, apesar disso, estou sob o poder do aprisionamento inconsciente”. Isso é consciência do pecado. E as palavras de Hermes provam que ele reconheceu esse estado. O homem hermético compreende essa situação; mas para a maioria dos homens isso tudo é um grande prodígio; o prodígio da mescla da natureza com a humanidade. E o aspecto dramático disso é a queda evidente que se manifesta dessa mescla e a culpa que

Em uma série de artigos com esse nome, desejamos deixar Hermes falar, assim como J. van Rijckenborgh fez para seus alunos nos comentários do *Corpus Hermeticum*.

Hermes é o homem nascido da natureza que, no caminho de libertação da nova alma, adquiriu-a e, continuando a trabalhar, está a caminho de tecer a veste áurea de núpcias.



Nesse caminho, num momento crucial, revela-se a nova consciência, ou consciência hermética. Assim que essa nova consciência opera surge “Pimandro”, a sabedoria onipresente de Deus, “o Verbo do princípio”.

J. van Rijckenborgh



Hermes com Dionísio menino. Praxíteles, 360 aC

disso resulta; e não obstante o Espírito anseie por vencer e deva vencer, ele chega, por esse acontecimento dramático, a uma fragmentação da ordem de milhões e assim concede a todos esses milhões o poder de novamente tornarem-se filhos de Deus. Por isso, o versículo 41 diz que pela mescla da natureza com a humanidade é produzido um prodígio admirável. Em seguida, Pimandro descreve o

vir-a-ser desse prodígio no versículo 45: “A terra foi a matriz; a água o elemento gerador; o fogo levou o processo de formação à maturidade; a natureza recebeu do éter o alento de vida e produziu os corpos segundo a forma do homem”.

Quando Pimandro se refere ao “homem”, ele está se referindo ao homem original, ao homem divino, à entidade espiritual. Quanto ao mais, ele

Pimandro, versículos 37-48

37. E quanto a ele mesmo: ao ver essa forma que se lhe assemelhava tanto refletida na água, na natureza, dela se enamorou e quis morar ali. O que ele quis, fê-lo imediatamente, e assim começou a residir na forma irracional. E tendo a natureza acolhido o seu amado, envolveu-o totalmente e tornaram-se um, pois o ardor de seu desejo era grande.

38. É por isso que, dentre todas as criaturas da natureza, só o homem é dual, isto é, mortal segundo o corpo e imortal segundo o homem verdadeiro.

39. Apesar de ser imortal e ter poder sobre todas as coisas, ele está submetido à sorte dos mortais, sujeito que está ao destino. Assim, não obstante seu lar se situar acima da força que interliga as esferas, tornou-se escravo dessa força. Apesar de ser masculino e feminino, porque nasceu de um pai que é, ele próprio, masculino e feminino e, mesmo sendo livre do sono, porque proveio de um ser que é, ele próprio, livre do sono, ele foi vencido pelos apetites dos sentidos e pelo sono.”

40. Então eu disse: “Ó Espírito em mim, também eu amo o Verbo!”

41. E Pimandro continuou: “O que vou dizer é o mistério que permaneceu oculto até este dia. Ao tornar-se una com o homem, a natureza produziu uma admirável maravilha. O homem tinha em si a natureza de todos os sete regentes, composta, como já te disse, de fogo e de alento; a natureza produziu sem demora sete homens, em concordância com o gênero dos sete regentes, ao mesmo tempo masculino e feminino e de figura ereta”.

42. Então exclamei: “Ó Pimandro, brotou em mim agora um desejo singular e estou ansioso por ouvir. Peça-te, prossigue!”

simplesmente se refere ao corpo, à figura natural. O corpo recebeu uma forma humana ilusória. Em seguida, é mostrado como a forma natural foi produzida das radiações astrais e etéricas da natureza da morte. Essa forma natural é simplesmente denominada “o corpo”, e este é o que o mundo dialético considera geralmente como o “homem”. Que engano! É que a forma natural, em razão de sua natureza, possui uma vida própria, uma consciência pessoal; em suma, a forma natural é um ser vivente.

No homem estão presentes duas vidas: a vida original e a vida da forma natural. E Pimandro destaca esse fato ao dizer: “o homem verdadeiro provém da vida e da luz. Saindo da única vida divina, o homem verdadeiro tornou-se um ser anímico; e, saindo da luz universal, tornou-se um Noûs. Com isso pense-se num ser-sentimento de natureza anímica excepcional, ser esse ligado ao Espírito”. O verdadeiro homem possui um coração puro, ele é o coração. Ele mora como um deus no coração da forma natural. O verdadeiro homem também é, como descobrimos em seguida, hermafrodita em si mesmo, não obstante ser masculino ou feminino exteriormente. As formas naturais, pelo contrário, foram separadas sexualmente. Para compreender todas essas coisas de modo correto é preciso ter em vista o seguinte: a figura natural está dividida sexualmente, ela é ou masculina ou feminina. O homem-alma, pelo contrário, é tanto masculino como feminino, apesar de ser masculino ou feminino exteriormente. [...] Significativa também é a lei que vale para todo verdadeiro rosacruz, “que ele não deve desejar viver mais do que Deus lhe determinou”, porque o homem dialético, impelido por sua condição de

ser natural, sempre corre o perigo de cair abaixo do nível da ordem dialética. A divisão sexual tem por incumbência cuidar de que continuamente nasçam novos seres naturais, e a vida mesma cuida de que eles, a seu tempo, sejam novamente triturados. Desse modo, por meio da dura escola da experiência profunda, é executado o plano de salvação. E assim pode ser trilhado o caminho que leva ao autoconhecimento. A separação dos sexos das formas naturais é, para isso, condição necessária, porque assim a roda do nascimento e da morte gira ininterruptamente; e a caminhada pela vida é a indispensável escola da experiência, diz Pimandro.

E quem, nessa escola da vida, é impelido para frente e possui o Noûs, isto é, um santuário do coração capaz de vibrar em harmonia com a rosa, e está aberto à luz gnóstica, um dia se reconhecerá em sua verdadeira natureza e sentirá profundamente a sua dualidade. Esse homem saberá, então, que o amor à forma natural, o desejo da prisão da carne, é a causa da morte com todas as suas conseqüências.

Assim foi implantada a união e instituída a reprodução, a reprodução das espécies pela divisão sexual, tal como se processa nos reinos animal e vegetal. Nesse caminho, quem consegue o autoconhecimento é conduzido à senda da humanidade-alma; e quem continua a prender-se à forma natural extravai-se nas trevas e experimenta, de modo doloroso, o que é da morte. [...]

O homem, como ser nascido da natureza, somente pode recusar e rejeitar a forma natural mediante anelo consciente e esforços ativos para ser absorvido novamente pela forma anímica. Porém, quando não se procura o caminho ascendente ou não se quer

43. Respondeu Pimandro: “Cala-te, porquanto ainda não terminei a minha primeira exposição!”

44. “Calo-me”, respondi.

45. “Pois bem: a criação desses primeiros sete homens, como eu disse, foi assim: a terra foi a matriz; a água o elemento gerador; o fogo levou o processo de formação à maturidade; a natureza recebeu do éter o alento de vida e produziu os corpos segundo a forma do homem.

46. E o homem, feito de vida e de luz, tornou-se alma e Noûs; a vida tornou-se alma; a luz, Noûs. E todos os seres do mundo sensorial permaneceram nesse estado até o fim do ciclo e até o começo das espécies.

47. E então, presta atenção ao que tanto dejes ouvir. Completado esse ciclo, o vínculo que tudo unia foi rompido pela vontade de Deus. Todos os animais, até esse momento macho e fêmea ao mesmo tempo, foram separados, assim como o homem, nesses dois aspectos, e assim alguns animais se tornaram machos, e outros, fêmeas. Então Deus pronunciou a palavra sagrada: ‘Crescei e aumentai, multiplicai-vos abundantemente, todos vós que fostes criados. E os que possuem o Noûs reconheçam-se como seres imortais e saibam que a causa da morte é o amor ao corpo e a tudo o que é terreno’.

48. Tendo Deus assim falado, a providência, mediante o destino e a força que interliga as esferas, estabeleceu as uniões e instituiu a geração; e todos os seres se multiplicaram segundo a sua espécie; e quem a si mesmo se reconheceu como ser imortal é eleito dentre todos, ao passo que quem amou o corpo nascido da ilusão dos desejos permanece errando nas trevas e deve sofrer a experiência da morte.”

Amar sua própria forma natural, buscar elevar-se nessa forma natural, fazer de seu ser o centro dos interesses, esses são os erros assinalados por Hermes

seguir-lo, se os impulsos hormonais permanecem como eram e a forma natural continua nesse fogo hormonal, é inevitável que se manifeste um desenvolvimento antinatural. [...]

Em relação ao versículo 48 do livro Pimandro, há ainda um aspecto a que devemos aludir. Sempre se tem compreendido mal o que é citado nesse versículo, e na referida sentença da filosofia hermética quis-se ver uma espécie de advertência. Lá está escrito: “Quem amou o corpo nascido da ilusão dos desejos permanece errando nas trevas”.

Essa passagem tem sido frequentemente considerada como uma advertência de Hermes visando o casamento terrestre e tudo o que se compreende como relacionado a esse casamento. Porém não se trata disso. Pelo contrário, a Gnose original mostra como a separação sexual e suas conseqüências são uma necessidade para manter girando a roda do nascimento e da morte. Com relação a amar o corpo, corpo nascido da ilusão dos desejos, é indicado o amor à natureza dialética, [...] cuja conseqüência foi o nascimento da forma natural mortal. E não faz nenhuma diferença estar diante disso na condição de casado ou solteiro, com aversão pela natureza ou não, em solidão ou em companhia. Quem quer ultrapassar a forma natural precisa, em concordância com o plano divino de salvação, abandonar o mundo dialético e tudo o que a ele é inerente, para palmilhar a senda da alma, o caminho de retorno para o alto. Conseqüentemente, se a humanidade futura fosse impedida de seguir o caminho de sua natureza e nisso houvesse êxito, tal como se procura fazê-lo mediante o prolongamento da vida, isso significaria o fim irrevogável; pois logo toda a ordem

de socorro, com sua humanidade, afundaria abaixo do nível das leis da natureza.

O amor à própria forma natural, o completo abrir-se nela, colocá-la como centro, considerá-la como o homem verdadeiro, esse é o erro acusado por Hermes no versículo 48.

Se compreendestes tudo isso e perguntardes como alcançar a pureza, essa purificação da vida, que é condição para se erguer à realização da liberdade, é preciso que saibais que a pureza pela qual um homem em sua forma natural deve esforçar-se é sempre a pureza do coração, a purificação sétupla do santuário do coração, pois o coração é, em certo sentido, a morada da rosa. O santuário do coração é o espelho da luz universal. O santuário do coração é Deus.

Pimandro fala ao candidato no coração. E, por isso, todo aluno sincero da Gnose esforça-se por uma verdadeira purificação sétupla do coração. E quando um homem torna-se puro segundo o santuário do coração, quando o candidato sincero assiduamente esforça-se por tal purificação e, em conseqüência, a luz pode residir nele, com a vida de sentimentos também se transforma completamente a vida de pensamentos; e a vida de ações se harmonizará perfeitamente com essa purificação sétupla do coração. Assim o homem é puro em tudo o que faz ou deixa de fazer. Somente então também se modificam as funções hormonais no sistema humano, e o candidato ingressa na esfera do bem, como o denomina Pimandro: no estado do verdadeiro crescimento da alma ✪

Rijckenborgh, J. v., *A Gnose original egípcia*, t. I, 2 ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006, cap.8.

intuição no zen e za-zen

“Todas as coisas dirigem-se para o único regresso, mas para onde conduz o único regresso?”
“Se num bosque onde não há ninguém uma árvore cai ela faz barulho?”

No primeiro século da nossa era, no conclave de Jalandhara, tentou-se restabelecer a unidade do ensino budista. Foi um malogro. E desde então, duas importantes correntes espirituais dominam: o budismo Mahayana (o grande veículo), e o budismo Hinayana (o pequeno veículo). A primeira corrente de desenvolvimento espiritual é acessível a todas as pessoas, a segunda está aberta apenas aos monges.

REFORMAS No segundo século, o Mahayana se ramificou. Esse budismo reduzia-se a rituais e conceitos definidos. Em reação a isso formou-se um movimento intitulado sunyavada de acordo com o próprio fundamento da sua doutrina: a única Verdade ao alcance do ser humano é a noção de “vazio” (sunya). Esse movimento constituiu-se em importante fonte de inspiração para o budismo zen. Foi o filósofo hindu Nagarjuna que, quebrando o



caráter dogmático do Mahayana, fez florescer a idéia do “vazio” da existência pessoal. A Verdade absoluta, declara ele, é verificar que a verdade que percebemos é apenas um véu que oculta o fato de que tudo é “vazio”, desprovido de existência ou substância, e, por conseguinte, é totalmente ilusória. Tal idéia conduz ao nirvana, porque asfixia o desejo de vida ou de ausência de vida. “Tudo é possível àquele para quem o vazio é possível; mas nada é possível àquele para quem o vazio é impossível, conclui Nagarjuna.

ZEN No século 5 d.C., o monge Bodhidharma propagou este ensinamento na China, onde descobriu sua grande afinidade com o puro ensinamento do Tao, e essas correntes propagaram-se extensivamente. Sob o conceito “dhyana” (palavra sânscrita para “atenção”) esse ensinamento, na China, teve seu nome alterado para “ch’an” e depois no Japão, para zen.



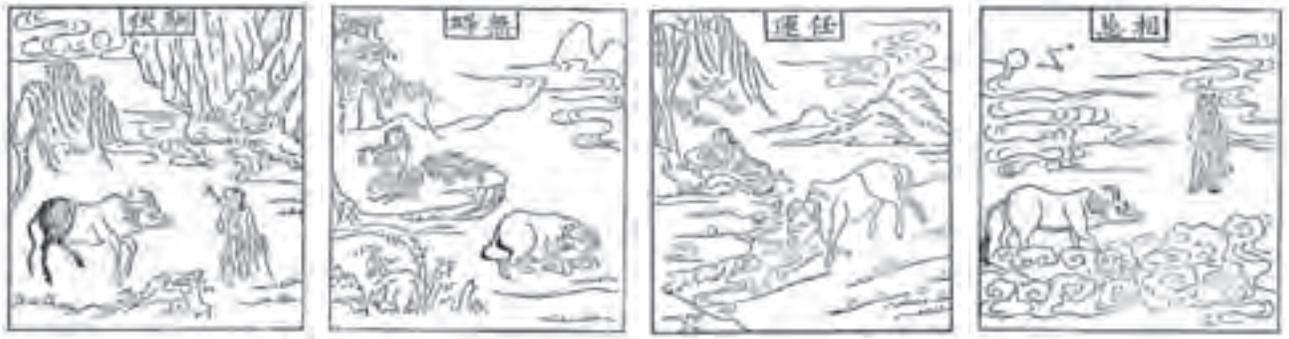
ZA-ZEN No zen, o aluno pratica o za-zen: medita para vencer a influência vinculativa dos sentidos e dos pensamentos. O objetivo de suas meditações é alcançar calma e silêncio interior, um estado no qual as motivações que reforçam o ego, a identificação com o ego, e por conseguinte, a consciência da dualidade, são paralisadas. Tudo isso é eliminado e o aluno chega ao estado de consciência que se chama *satori* no zen tradicional e, no budismo, *samadhi*. Ser “iluminado” é bonito, mas esse estado nunca pode ser um objetivo em si; ele não pode ser forçado, pois seria tão-somente uma atividade do ego.

O KOAN O zen conhece o paradoxo de agir para nada atingir, portanto o *koan*, o paradoxo do objetivo de não buscar. *Koans* são diálogos que o mestre tem com o aluno, com o objetivo de instruí-lo. De maneira sistemática, o mestre utiliza o método do *koan* para levar o aluno até o limite extremo dos seus pensamentos a fim de prepará-lo para a intuição. Contudo, enquanto houver, aberta ou secretamente, qualquer tipo de apego, o objetivo ou *satori* permanecerá inatingível. A essência mesma do zen é “sermos desapegados”. Disso resulta que as técnicas de meditação, de fato, não são necessárias. O humor e a ironia para com o “eu” são meios para relativizar o que temos a ilusão de ter alcançado interiormente. “A frente é como o verso!” Os dois *koans* importantes são o *Mumonkan* (A porta sem porta) e o *Hekiganroku* (Contos das rochas azuis). São histórias contadas pelos mestres zen dos primeiros séculos do “ch’an”, ornadas de comentários e poemas posteriores.

A ILUMINAÇÃO Um dia, Huai-jiang viu seu aluno Matsoe perdido em suas meditações. Questionou-o sobre o objetivo dessa prática. Matsoe respondeu imediatamente: “Quero tornar-me um Buda. Huai-jiang não disse nada, mas pegou tranquilamente uma telha e começou a poli-la contra uma rocha. Matsoe, curioso, perguntou-lhe: “Por que fricciona essa telha contra esta rocha?” Huai-jiang respondeu: “Quero poli-la para fazer um espelho”. Matsoe exclamou: “Como quer fazer um espelho polindo uma telha contra uma pedra?” Huai-jiang respondeu: “Como quer encontrar a iluminação ficando sentado meditando?”

À medida que o zen se instalava na China, alguns movimentos opostos surgiram em direção ao ch’an do norte e ao ch’an do sul. A corrente do norte foi representada pelos mestres Shen-siu e P’oe-chi, que praticavam o dhyana clássico: a aquisição progressiva da compreensão. A escola do Sul (Hui-neng e Shen-hui) originava-se da idéia de iluminação espontânea: “A meditação não faz de ninguém um Buda, é necessário ter a essência. O reconhecimento de estar salvo no mais profundo do ser pode fazer que, diretamente, num instante, o pensamento horizontal renuncie à sua influência sobre a consciência. A tarefa do mestre é desenraizar os pensamentos que subjagam o aluno.”

O ZEN NO JAPÃO Na longa história do zen no Japão, o mestre mais importante do *koan* é o lendário Hakuin (1686-1769). Ele fez reviver a tradição *koan* que ameaçava se apagar na



As oito ou dez representações tradicionais do homem e do touro são a expressão da própria essência do zen. O touro simboliza a natureza inferior, e o personagem do buscador é a personalidade. Quem busca é o Espírito, o “homem original” (ilustração da p.7). O Espírito, ou “pastor”, está perdido no deserto deste mundo e procura um homem que possa levá-lo de volta à sua verdadeira pátria. No princípio, esse homem ainda não consegue. Ele é como um touro negro, selvagem, indomado, submisso a seus impulsos e paixões. Mas ele começa a ser domado. Há o senhor (a corda) da vontade espiritual e a disciplina das leis da ordem do Espírito (o látigo). Na ilustração 5, a personalidade está totalmente voltada para o Espírito e já está metade branca. Então começa um período feliz de repouso e aprendizado. O hino do Espírito soa; o touro torna-se completamente branco, um verdadeiro homem-alma, e já não precisa de rédeas. O homem espiritual aproxima-se cada vez mais da vida original e, nessa esfera sutil, a forma desaparece. Na imagem 8 está escrito: “o touro e seu guia, completo esquecimento”.

civilização decadente. O *koan* “Que barulho faz o bater das palmas?” é criação sua. Ele formulou os três fundamentos do zen, que são: uma profunda confiança, um grande ceticismo, um compromisso ilimitado. Para ele, não é necessário separar a meditação das atividades diárias: “Se alguém, por azar, deixa cair duas ou três moedas de ouro numa rua cheia de gente, esquecerá ele do dinheiro porque todos os olhos voltam-se para ele? Alguém que se volta para a meditação no meio da agitação e das preocupações diárias é como aquele que deixa cair moedas de ouro e trata de reencontrá-las”. À pergunta: “O que é a verdadeira meditação?” ele responde: “É tudo: engolir, tossir, agitar os braços, se mexer, estar tranqüilo, agir, fazer o bem e o mal, ter êxito e fazer escândalo, ganhar e perder, ser justo e injusto, e fazer do todo um só *koan*”.¹

“O grande caminho não é difícil para quem não tem preferências. Quando, juntos, amor e ódio estão presentes, tudo ilumina-se e revela-se. Se contudo fazes a mais ínfima distinção, o céu e a terra afastam-se infinitamente um do outro. Se queres ver a Verdade, não sejas a favor ou contra nada. Fazer a comparação entre o que te

agrada e o que te desagrada é apenas uma doença do espírito. Enquanto não compreenderes o profundo significado das coisas, necessariamente, teu espírito e teu coração irritam-se inutilmente. O caminho é perfeito se nada quebra ou sobrecarrega o espaço interno infinito. Na realidade, por estarmos sempre aceitando isto e rejeitando aquilo, não vemos a verdadeira natureza das coisas. Não vivemos de acordo com a única senda tanto por falta de atividade como também por passividade, por falta de orientação externa como por indiferença. Se ignoras a realidade das coisas, foges à tua realidade. Se insistes na superficialidade das coisas, escapas à tua verdadeira existência. Quanto mais falas da Verdade e quanto mais pensas nela, mais ela te escapa. Cessa de falar e de pensar, e nada te será incompreensível. Voltar-se para as origens significa descobrir o sentido profundo, mas aspirar à aparência superficial impede a visão da origem. Não procures a Verdade, e apegas-te apenas às opiniões certas. Se nenhum pensamento crítico ocorre, o antigo espírito continua a existir. Se não fazes nenhuma distinção entre o grosseiro e o refinado, não te tornarás nem rígido nem cheio de preconceitos. Viver de acordo com a grande senda não é difícil. Mas não olhes muito



Na imagem 9 nada encontramos de terrestre (o “animal” desapareceu); em nova unidade, o Espírito e a forma dissolvem-se na vida original. Antes do século 12, essa era a última imagem da série.

Esse testemunho em forma de imagem é do mestre zen Shoeboen (século 15). Outro mestre, Kakoean Sjen, acrescentou às imagens a idéia de que “uma iluminação incita ao serviço à humanidade e faz retornar ao mundo cotidiano comum”. Trata-se da última grande ilustração da página 11, “De mãos abertas para o mercado.” Na praça do mercado desenvolve-se a vida social. É lá que o sábio reencontra seus irmãos, de coração aberto (o peito desnudo), descalço (pronto para ir aonde for necessário), como homem entre homens. Um sorriso feliz conforta as pessoas que o cercam, tudo se anima e alegra com sua presença.

longe, senão serás tomado de angústia e incerteza: quanto mais pressa tiveres, mais lentamente avançarás.

O apego não se limita a um só domínio; e ainda que te apegues à idéia de iluminação, irás encontrar-te no mau caminho. Adapta-te à natureza das coisas e poderás agir em total liberdade e tranqüilidade. Se teus pensamentos não estão livres, a Verdade continua a ser ocultada, tudo é infectado e perturbado. O hábito opressivo de tudo criticar gera irritação e esgotamento. Qual é o interesse em criar dificuldades e se apegar a preconceitos? Se queres percorrer a senda única, não rejeites nem mesmo o mundo dos sentidos e das idéias. Sim, essa total aceitação de todas as coisas é semelhante à verdadeira iluminação. O sábio não persegue nada, mas o louco se acorrenta a si próprio. Há apenas um só dharma, não vários; os tolos desejos são causa de discriminação.

Procurar o Espírito estando cheio de preconceitos é o maior dos erros. Tranqüilidade e perturbação provêm da ilusão; a iluminação não conhece nem preferências nem aversões. Todas as coisas tidas como contrárias provêm

de falsas conclusões. Estas são como flores imaginárias que flutuam no ar: é loucura querer apanhá-las. Ganhar e perder, o bem e o mal: rejeita definitivamente essas concepções. Se o olho nunca se fecha, todos os sonhos desaparecem. Se o Espírito não faz nenhuma discriminação, as dez mil coisas são para ti como são: provêm todas do mesmo fundamento. Se compreendes na sua essência o mistério desta comunidade, estás livre de qualquer confusão. Se estudas o movimento na calma, e a calma no movimento, a calma e o movimento desaparecem; e quando esses extremos desaparecem, já não existe nem mesmo a unidade.

E nenhuma lei nem descrição existe para a aplicação desta Verdade suprema. Em relação ao Espírito onipresente em harmonia com a senda, qualquer esforço egocêntrico desaparece. Hesitações e dúvidas desaparecem e dão lugar a uma vida cheia de confiança. De uma só vez libertamo-nos de nosso aprisionamento; nada mais nos retém e já não nos aprisionamos a nada. Tudo é vazio, claro, evidente, se já não deixamos nosso intelecto apoderar-se de tudo; em outras circunstâncias, nossos pensamentos

e nossos sentimentos, nosso saber e nossa imaginação intuitiva já não nos falam. Neste mundo do “ser puro e simples” já não há nem “eu” nem nada diferente de “si”. Para lembrar-te diretamente dessa realidade se sentes dúvida, diz simplesmente: ‘Não existem duas coisas’, ou seja, não faças nem distinção nem exclusão. Pouco importam lugar e tempo, a iluminação significa que penetras a Verdade. E esta não pode ficar nem maior nem menor no tempo ou no espaço; na Verdade, um único pensamento dura milhares de anos.

Esvazia aqui, esvazia ali, e, no entanto, o universo infinito continua visível ao teu redor. O infinitamente grande e o infinitamente pequeno não fazem diferença alguma, as definições desapareceram e em parte alguma há limite. Tanto faz ser ou não ser.



Não desperdices teu tempo a questionar e raciocinar, que nada têm a ver com isso. De uma só coisa ou de todas as coisas já não te separe, vive em pleno centro, sem discriminação. Se tens consciência de tudo isso, não te preocupes com nenhuma das imperfeições.

Viver de acordo com essa crença é o caminho que conduz à unidade, porque ao não fazermos distinção voltamos a viver em unidade com o Espírito que se entrega a nós. Palavras!

Ora, a senda não pode exprimir-se pela palavra, não conhece nem o ontem, nem o presente, nem o amanhã.”² ✪

1. Hsin hsin ming, Versos de Sosan Zenji (? - 606), China, terceiro patriarca zen.
2. Tradução em holandês de Lucy Kooman, conforme Dennis Genpo Merzel.

a história de pietje

Pietje não estava em lugar nenhum. Eu já pensava em deixar o artigo sobre os campeões para lá e dar meia volta quando ouvi um leve ruído vindo de seu trailer. Ao abrir a porta, o mau pressentimento que eu tinha se mostrou verdadeiro.

Pietje estava na cama e parecia tão mal que quase não o reconheci. Sua face estava murcha e seus olhos, normalmente tão vivos e penetrantes, brilhavam de febre. Ele sorriu sutilmente para mim e afastou com um gesto fraco das mãos minha expressão de

pânico. “O pior já passou”, ele murmurou, “minha hora ainda não chegou.” Quando perguntei o que tinha acontecido, ele fez uma careta tímida e mostrou seus olhos com o dedo. “Pietje envelheceu”, ele suspirou “já não devo ir colher cogumelos sem os óculos.” Após um silêncio



angustiante, ele disse: “Imagine por um momento que eu estivesse morto. Como, no céu, poderia ter explicado ao meu amigo Stakke Wanne que havia confundido um cogumelo amanita pantera com um amanita real. Envergonhado, não teria ousado aparecer lá em cima”. “Mas um



O tiro com o arco no zen ou a arte da verdadeira espera

Nos anos sessenta do século passado, o budismo tibetano teve grande destaque na nossa civilização ocidental, pois acentuava a importância de um espírito aberto, o Espírito da origem, e numerosos jovens que rejeitavam uma sociedade sem saída aderiam a ele. “Nosso espírito está perturbado, dominado por julgamentos de valores positivos e negativos, e isso nos impede de ver o mundo como ele realmente é. O zen nos oferece um método para que, novamente, possamos enxergar a realidade, para nos desapegarmos do que é terrestre, de nós mesmos, do eu, e assim nos religar ao Tao, a “doutrina da madeira bruta”, ou o ensinamento do que é indizível...” diziam eles.

Livros como *O zen e a arte da manutenção de motocicletas*¹ estavam muito em voga nessa época, e nesse livro, segundo alguns, “tudo estava dito”. Essa obra não fala, aliás, nem de manutenção de motocicleta nem de budismo zen, mas sim do valor de um e de outro.

Outro livro muito em voga era o de Eugen Herrigel que, de 1924 a 1929, ensinou Filosofia na Universidade Imperial de Sendai, no Japão: *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*² é um relato sobre o arco e flecha. Nele o aluno descobre que o livro trata de coisas bem diferentes das que ele imaginava no começo. Nem o tiro propriamente dito, nem atingir o alvo são importantes em si. A ênfase recai principalmente no processo, tanto interior como exterior, na respiração e na atenção descontraída. Dessa forma, o aluno percebe que por meio do ritual exterior do arco e flecha, ele é iniciado na mística espiritual do budismo zen. Herrigel foi por muito tempo considerado o primeiro europeu a ter aprendido essa arte tão especial, até Guido van Meir, redator do *Humo*³, descobrir que um de seus velhos amigos, Pietje, estivera na casa do mestre Kenzo Awa na mesma época.

Lá aconteceram coisas que vi com meus próprios olhos e das quais duvido até hoje

amanita pantera é fatal! Não acha que devo chamar um médico?” Ele negou com a cabeça. “Foi só um pedacinho e tomei as providências necessárias. Deixe-me repousar um pouco e, sobretudo, não coma o omelete com cogumelos que está na mesa”.

Compreendi então que meu artigo ia cair por terra, pois Pietje já não parecia querer continuar falando sobre os cogumelos; estava claro que ele havia jantado parte deles. Eu começava a tirar a mesa e colocar lenha no fogo. Enquanto terminava de lavar a louça, Pietje acordou e acenou para que eu sentasse a seu lado. Sentia-se muito agitado para voltar a dormir e me pediu, para distrair, que lesse para ele. Para minha grande surpresa, ele tirou de baixo de seu travesseiro um livro enorme, a primeira parte das *Obras Completas* de Mao Tsé-Tung, o que não me parecia uma leitura muito adequada para alguém que acabava de travar uma luta mortal contra um amanita pantera.

Mas, que fosse, comecei a ler a partir do meio do capítulo intitulado “Pesquisa sobre o movimento camponês em Hunan”. Após ter lido algumas páginas monótonas, tudo indicava que Pietje havia dormido profundamente quando, de repente, ele falou tão bruscamente que quase caí do meu assento: “Pare! Repita o que você acabou de ler!” Reprimi um movimento de raiva e repeti pacientemente: “Foram os próprios camponeses que erigiram seus ídolos; e há de chegar a hora em que os demolirão com suas próprias mãos; não é necessário que outros o façam em seu lugar. A estratégia de propaganda

que os comunistas devem seguir é esta: esticar o arco e não atirar, simplesmente indicar o movimento”.

Por alguma razão a imagem do arco pareceu emocionar Pietje. “É isso mesmo, ele sussurrou, compreendeu o que Mao quis dizer?” Achava meio estranho começar uma discussão sobre Mao com um velhinho febril.

“Ele quis dizer exatamente o que está escrito” eu respondi.

“Deixe o livro e me dê um pouco de água, pediu Pietje, vou te contar uma coisa.”

O TIRO DE AWA “Está vendo aquele arco ali, contra o muro?” O magnífico arco em bambu de dois metros me intrigava por um tempo já. Pietje fazia grande mistério desse arco e me havia formalmente proibido de tocá-lo ou sequer apontar para ele com o dedo. Um dia ele o esticou e depois relaxou, sem atirar a flecha. A corda fez um barulho curto e seco, seguido de uma vibração sonora que, segundo Pietje, expulsava os maus espíritos.

“Esse arco que você vê, recebi de mestre Kenzo Awa, quando saí do Japão em 1929, após ter sido seu aluno durante cinco anos. Isso aconteceu por pura casualidade. Uma noite, eu o salvei das mãos de bandidos, nos arredores da universidade de Tokohu. Perdi meu barco, pois eu havia recebido violentas facadas. Como agradecimento, ele me iniciou na arte do arco e flecha zen. Fui o primeiro europeu a ser iniciado nessa arte, eu e um professor alemão. Mestre Awa tinha duas lindas filhas...” Pietje, mergulhado

em suas lembranças, ficou silencioso até que, não podendo mais segurar minha impaciência, comecei a tossir insistentemente. Ele retomou consciência da minha presença. Ele via claramente que eu queimava de curiosidade, mas acreditava que não seria útil continuar já que eu não iria acreditar nele...

“Lá aconteceram coisas que vi com meus próprios olhos e das quais duvido até hoje. Uma noite, estávamos sentados sobre almofadas, um na frente do outro. O mestre havia feito chá e escutávamos o canto da água borbulhante sobre a brasa. De repente, ele me convidou a segui-lo até o estande de tiro; estava escuro já, como se estivéssemos dentro de um forno. Ele não acendeu a luz, mas me fez acender diante da mira uma única vela plantada na areia, longa e fina como uma agulha de tricô. Isso criava um ponto luminoso minúsculo, quase invisível do local onde ele estava, a sessenta metros da mira, mais ou menos a distância daqui até a via férrea! O mestre então executou a dança ritual e atirou a primeira flecha. Pelo som do impacto na mira, eu soube o que ela havia acertado. A mesma coisa aconteceu com a segunda flecha. Quando iluminei a mira, vi que a primeira flecha atingira em cheio o ponto central, o que já era incrível por si. Mas o mais espantoso foi o feito da segunda flecha. Ela havia quebrado a haste da primeira e se fixara na mira, bem ao lado dela! Para minha surpresa, Pietje, como um raio, saltou da cama e pegou o arco suspenso no muro. Antes de haver me recuperado do meu espanto, com um único movimento fluido, ele já

havia posicionado uma flecha e esticado o arco. Ficou assim sem se mexer e me convidou para vir tocar os músculos dos braços e dos ombros. Estavam alongados e flexíveis como se ele estendesse o arco sem fazer força alguma!

“Só me sirvo dos músculos de minhas duas mãos...” ele explicou, “os outros músculos ficam descontraídos. No começo não conseguia de jeito nenhum. Assim que segurava o arco com as mãos, elas começavam a tremer e eu perdia o fôlego. Foi preciso semanas até que o mestre Awa quisesse finalmente me dizer o que não ia bem. ‘Meu menino’, disse-me ele, ‘você não vai nunca aprender enquanto não respirar da maneira correta.’” Foi só nesse momento que percebi que a respiração de Pietje havia mudado desde o momento em que ele estendera o arco. Ele inspirava o ar rapidamente e o prendia um bom tempo antes de expirar, lenta e progressivamente.

“Pietje, volte para a cama imediatamente,” insistia eu, “você está doente.” Mas já nada podia fazê-lo parar.

A VERDADEIRA ESPERA “Levei mais de um ano para estender o arco corretamente, mas os verdadeiros problemas começaram com o tiro. Até aquele momento, o tiro não era importante, eu me contentava em soltar quando já não conseguia manter o arco estendido. Não me importava também com o lugar onde a flecha aterrissava, era suficiente enfiá-la no monte de feno situado a menos de dois metros dali. Cada tiro era estragado antecipadamente pelo choque



Para atirar, é preciso abrir os dedos para que a força da corda afaste o polegar. O braço se lança então para o alto, e a mão direita se estende num movimento suave, sem o menor choque

que eu recebia a cada vez pelo corpo todo.

Olhe a minha mão.” Com seu polegar, ele esticou a corda abaixo da flecha, seus dedos curvados se fechando por cima a fim de segurá-la firmemente.

“Para atirar, é preciso abrir os dedos para que a força da corda afaste o polegar. O braço se lança então para o alto, e a mão direita se estende num movimento suave, sem o menor choque. Durante meses treinei continuamente, mas tudo em vão. Durante dois anos Awa me deixou ali me debatendo, até eu já não agüentar mais aquilo. Depois, um dia enquanto tomávamos chá, pedi explicações. ‘É normal que você não consiga’, ele me disse, ‘você não deve abrir a mão voluntariamente. Um tiro só pode ser dado com um movimento suave e correto se o próprio atirador for surpreendido, como se a corda de repente cortasse o polegar em dois, como um bichinho de marzipã. A mão deve estalar

como fruta madura. Você não consegue porque não se desliga de si mesmo; você deve aprender a espera verdadeira. Aprender, pela concentração e a respiração, a se tornar “sem eu”. Tudo deve parar até se tornar somente um fraco murmúrio, como o som do mar. Observe uma folha de bambu: ela se inclina cada vez mais sob o peso da neve; depois, de repente, a neve escorrega sem que a folha tenha se mexido. Seja como essa folha, mergulhado na mais extrema tensão até que o tiro aconteça sozinho, até que “Isso” atire.” Eu estava tão absorvido por suas palavras que, quando Pietje atirou, fui surpreendido como por um trovão. Graciosamente, sua mão se elevou outra vez e, com um golpe seco, a flecha transpassou a porta do trailer. Na sua mão, o arco zunia com um som surdo que, supunha-se, perseguia os maus espíritos.

“Desculpe”, disse ele, “não fiz de propósito.” Ele pegou outra flecha e, com o mesmo movimento fluido, estendeu o arco. “Eu não progredia. Exercitava-me e ficava observando até que as câimbras retorciam meus dedos, mas ‘Isso’ não atirava; então, decidia ajudar ‘Isso’ um pouco. Descobri que se estendesse muito lentamente os dedos, em dado momento meu polegar já não podia segurar a corda, e o tiro acontecia por si só, como se caído do céu. Pensava ter descoberto o segredo que o oriental me havia deliberadamente escondido. Durante a aula seguinte, consegui um tiro tão bom que mestre Awa me olhou estupefato e me perguntou se eu queria recomeçar. O tiro seguinte foi igualmente magnífico! Então, sem dizer uma palavra,

o mestre chegou perto de mim, retirou o arco de minhas mãos e foi sentar-se na sua almofada, de costas para mim. Com a face vermelha de vergonha, bati em retirada. Ele já não queria me ensinar. Estava tudo acabado. Havia tentado enganá-lo. Foi só após ter insistido por muito tempo que sua filha Yoko, que havia intercedido a meu favor, o fez ceder... Sim, a pequena Yoko tinha uma queda por mim...”

Dessa vez, ele teve tanto medo quanto eu quando, bruscamente, a flecha partiu e atravessou a porta fechada. Eu começava a achar o velho realmente perigoso com o seu arco; foi um grande alívio, portanto, quando decidiu prudentemente pendurá-lo em seu prego. O empreendimento o havia cansado. Voltou para a cama e enxugou a testa com seu lenço.

“ISSO” ATIROU! “Tive o direito de voltar ao curso contanto que promettesse formalmente já não pecar contra a grande doutrina. Semanas se passaram sem que eu progredisse nem um passo. Finalmente, já tanto fazia para mim. Estava no Japão há mais de quatro anos e sentia que havia chegado a hora de me engajar como ajudante de cozinheiro. Continuava a ir aos treinamentos, mas mais pelo mestre e por Yoko que por verdadeiro interesse. E então, um dia, de forma inesperada, após eu ter atirado a flecha, mestre Awa se inclinou profundamente e parou a lição. “‘Isso’ atirou!” ele exclamou. Idiota que eu era, não entendi na hora o que ele queria dizer, e então comecei a gritar e pular de alegria. ‘Eh, Pietje’, disse o mestre severamente, ‘o que eu

disse não é um elogio, é só uma simples verificação que deveria deixá-lo impassível. Continue a treinar como se nada tivesse acontecido!’ Foi só muito depois que fiz novamente um bom tiro de improviso, e depois também de tempos em tempos, até que por fim pudesse treinar no stand de tiro de 60 metros de comprimento.”

Eu continuava absorvido pelo que Pietje dizia; estava curioso para saber como sua formação havia terminado, se ele havia por fim dominado essa arte ou se havia fracassado. Mas ele continuou mudo, os olhos fechados, como se houvesse superado um momento de fraqueza.

“Onde estávamos?” perguntou ele por fim.

“O senhor podia começar a treinar no stand de tiro.”

“Quis dizer no livro de Mao”, disse ele com impaciência, “onde você estava?”

“Estava no provérbio máximo: ‘Esticar o arco sem atirar, somente indicar o movimento’.”

“Exatamente. Compreende agora o que Mao queria dizer? Bem, agora continue a ler.”

Após apenas algumas páginas, ele dormiu profundamente, a tal ponto que seus roncos cobriam o som da minha voz. Fechei suavemente o livro, apaguei a lamparina e caminhei em direção ao meu carro, que estava estacionado mais adiante a fim de evitar os comentários cáusticos de Pietje sobre poluição do ar e preguiça.

Ao aproximar-me do carro, vi as duas flechas fincadas no pneu dianteiro esquerdo, exatamente nos dois “os” de Goodyear.

Coincidência infeliz ou precisão diabólica? Não saberei jamais ✪



Na praça do mercado, o coração aberto, os pés descalços e sorridente (ver p.9)

a arte zen como instrumento de conhecimento

Um mestre japonês recebeu a visita de um professor universitário que buscava informações sobre o zen. O mestre convidou-o para tomar chá. Ele encheu completamente a xícara de seu visitante, até que transbordasse e derramasse. Não podendo se controlar o professor disse:

“Ela já está cheia. Pare, por favor.”

Jesús Zatón

Então o mestre disse: *“Como esta xícara, você está cheio de suas próprias opiniões e especulações. Como posso lhe mostrar o zen a menos que você primeiro esvazie sua xícara?”*

Uma das hipóteses fundamentais do zen é a necessidade de nos esvaziarmos de todas as concepções e teorias, convicções e frustrações, preconceitos e generalizações, em suma, libertar-nos de todo dualismo, de todos os limites que separam os extremos (bem-mal, justiça-injustiça, belo-feio etc.) a fim de que a natureza original possa fazer outra vez brilhar o ser verdadeiro.

O budismo zen baseia essa hipótese no fato de sermos incapazes de perceber o mundo real. Em vez disso, experimentamos e observamos uma pseudo realidade enganadora, que criamos com um pseudo-ser. A percepção dualista do mundo é, por conseguinte, uma ilusão proveniente de nossa profunda ignorância a respeito da dimensão espiritual.

Porque o zen representa a essência mesma da mente, sua verdadeira natureza, a iluminação. E se a mente não é dessa essência, isso deve ser atribuído ao fato de que ela ainda não se libertou das idéias falsas nem das emoções enganosas e negativas. Por isso, para que se atinja o despertar, a penetração e a iluminação, o zen ensina que a mente deve se encontrar numa liberdade total, num vazio total; e isso implica que é necessário desvencilhar-se de todo e qualquer formalismo, dogmatismo, apego, considerações e influências externas, com o objetivo de

retornar, livre de todo preconceito, ao estado original do Espírito.

Nos sutras de *O livro da verdadeira fé*, do mestre Sosan, o terceiro patriarca após o Bodhidharma, lemos:

“O grande caminho não é difícil para aquele que não têm preferências; quando ambos, ódio e amor estão ausentes tudo se torna claro e transparente. Contudo, fazendo-se a menor distinção, o céu e a terra se distanciam infinitamente; se queres ver a verdade, então não tenhas opiniões a favor ou contra coisa alguma.

A luta entre o correto e o falso é uma doença para a mente.”

A mente não cessa de diferenciar entre o eu pessoal e os demais eus que a cercam, entre ela mesma e a natureza. Conseqüentemente, sempre toma partido e envolve-se com os fenômenos, com as formas aparentes da dualidade.

Com o objetivo de atingir a iluminação, o zen, ao longo dos séculos, desenvolveu um método, seria talvez preferível dizer um “não-método”, baseado na investigação de sua própria natureza e no apaziguamento dos pensamentos através da meditação.

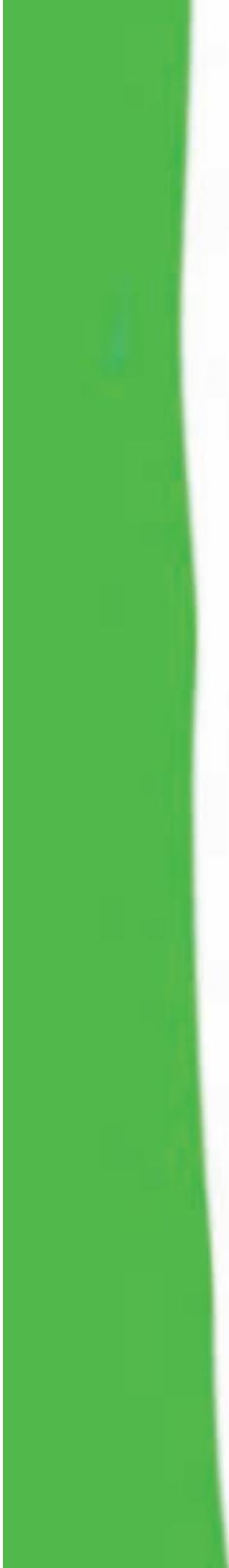
De acordo com o zen, nenhum esforço é necessário para atingir um objetivo ou para se chegar a um lugar, pois o objetivo é a visão do âmagô de si mesmo. Em suma, trata-se de sentir em si “o homem verdadeiro”, aqui e agora. Segundo o

zen, o que nos distancia da iluminação imediata é nossa falta de confiança em nossa capacidade, acompanhada de uma falsa preocupação com aspectos exteriores da religião.

Partindo de tais hipóteses fica claro que o zen tem pouca consideração por discursos ou diálogos, ou

pela idéia de que o “grande caminho” que conduz à iluminação passaria pelo possível cultivo da percepção da verdadeira natureza.

Curiosamente, o monge, personagem da maioria dos contos zen, não desperta progressivamente, mas de maneira imediata, instantânea, após ter



I don't understand
the color green.

@hugh

ouvido o canto de um pássaro, compreendido um *koan*, escutado o grito de um mestre ou recebido uma pancada na cabeça. Pois não se trata de acumular conhecimentos, mas de criar o vácuo a fim de libertar a mente. Na verdade, a tradução da palavra “zen” (“ch’an” em chinês) é “silêncio

verdadeiro e profundo” e “retorno ao espírito puro e original do ser humano”.

Assim, o zen consiste em viver na consciência do presente, do instante presente, pois é nesse instante que aparece o Atman, o verdadeiro Ser espiritual.



As quatro realizações. Tela clássica japonesa

Para compreender a essência do zen, os mestres dizem que a primeira coisa a fazer é deixar de buscá-la, já que todas as realizações do ser humano procedem do intelecto. Talvez fosse mais justo dizer que devemos deixar de buscar fora de nós mesmos, tal como afirma o mestre Linji:

“A luz pura que brilha em tua consciência a cada instante é a essência mesma do Buda que habita em teu âmago.”

Aqui torna-se necessário compreender que o *koan* é uma das mais importantes ferramentas oferecidas pelo zen. *Koan* é um termo que define uma prática mental cujo objetivo é fazer o pesquisador abandonar o modo comum de funcionamento de seu mental e se aproximar da Verdade por outros meios. Em vez de raciocínio lógico, o *koan* propõe o irracional, o absurdo, tudo que se opõe ao nosso equilíbrio e ao que nos conduz à lógica e ao racional, a fim de que nos submetamos aos pensamentos oriundos do coração. O *koan* nos impede de confiar na lógica e na razão, ele pede que a mente do discípulo já

não dependa das palavras, da compreensão intelectual, a fim de perceber verdadeiramente por meio da intuição. Nessas condições, os métodos de ensinamento do zen comportam expressões como gritos e estalos. Da compilação intitulada *Máximas do mestre Zen Linji*, citamos um fragmento que ilustra essa prática: “O mestre bateu com o punho no púlpito e proferiu este sermão: ‘Nesta massa de carne vermelha há o homem verdadeiro sem posição, que entra e sai de vós pelas portas de vossos olhos. Aqueles que ainda não testemunharam o fato, olhem, olhem!’ Um monge adiantou-se e perguntou: ‘Como esse homem sem posição se revela?’ O mestre desceu do púlpito e, agarrando o monge pelo braço, disse-lhe: ‘Fala, fala!’”

Visto do exterior, esse relato pode ser considerado como uma série de absurdos. Ele pode parecer superficial e sem autoridade. Mas o que o mestre quer dizer, a princípio, é que na vestimenta de carne do discípulo bate o coração do homem esclarecido e imortal. Este entra e sai continuamente do homem de carne, através de seus órgãos dos sentidos: visão, audição, paladar,

Do coração do pintor elevam-se as montanhas e aprofundam-se as cavernas

tato, intelecto; ele percebe e pode ser percebido, pois sempre está presente; todavia, o homem natural não se dá conta disso. Quando um dos monges indaga “Então qual é o aspecto desse homem verdadeiro?” e o mestre sacode-o energeticamente gritando “Fala! Fala!”, ele tenta fazer o discípulo compreender que ele é um homem verdadeiro e que por isso ele deve falar, ou seja, manifestar-se.

No processo que, segundo o zen, promove o despertar, existem diversas formas de arte: a pintura, a cerimônia do chá, os arranjos florais, os jardins de pedra, a poesia (haikai), a arte de contar histórias etc. Todas as formas de arte possibilitam o *satori*, a experiência do “despertar”, mas elas perdem seu valor quando o homem age de modo egocêntrico. A arte zen não produz “obras de arte” como imaginamos, mas representa expressões transcendentais do cotidiano. Por isso o zen, ao contrário da arte ocidental da mesma época, concentra-se tanto sobre seu valor técnico quanto sobre sua capacidade de estabelecer contato com o Espírito universal, de libertar o que ele tem em comum com o Espírito universal que impregna todas as manifestações da vida.

O pintor zen rejeita as considerações estéticas formais, pois ele quer antes de tudo sondar a corrente incessante de causas e forças criadoras. O mestre Wan Yu explica isso da seguinte maneira:

“Do coração do pintor elevam-se as montanhas e aprofundam-se as cavernas.”

Conectado com a realidade e com o Tao, o artista age graças à força que dá vida à manifestação inteira, pois ele não é um eu alienado, mas uma expressão transcendente da realidade.

Assim, é preciso compreender que a prática do zen é um dos meios mediante o qual o artista pode chegar à união com a natureza, ou seja, com o universo. O pintor zen não é um buscador, pois ele compreende que não há nada a buscar, sua consciência não persegue objetivo algum e, paradoxalmente, de repente atinge seu objetivo; sua integração na continuidade cósmica. Um texto zen explica:

“Somente quando tiveres montanhas nos olhos poderás pintar árvores, somente quando tiveres água no espírito poderás pintar montanhas”.

No zen, a água é a montanha, e a montanha nada é senão árvores e olhos. E as imagens esboçadas pelo pincel transformam-se em meios para penetrar nas mais profundas regiões da consciência. O artista apenas pinta, ele penetra no silêncio original, no vazio onde as imagens já não perturbam o olhar. O artista purifica a lembrança apagando eventuais traços com o objetivo de reencontrar a harmonia original. Grandes possibilidades lhe são oferecidas quando consegue criar o vazio em sua consciência, quando aprende a eliminar o menor traço de desejo. Desse modo, no *koan*, a pintura tem a função de provocar um choque, permitindo assim a aparição súbita de determinado estado de consciência. Como já explicamos, trata-se de uma

Todas as formas de arte possibilitam o *satori*, a experiência do “despertar”, mas elas perdem seu valor quando o homem age de modo egocêntrico

pintura representando o paradoxal, o irracional, o vazio. A relação “cheio-vazio” (ying-yang) está presente nos elementos formais com os quais o pintor trabalha e, mais concretamente, nos toques do pincel. O toque do pincel, base do princípio dinâmico do trabalho, delimita o espaço e as relações formais entre “cheio e vazio”. Um toque de pincel denso delimita o espaço, vivifica o conceito de “cheio”, ao passo que um toque mais leve e mais transparente representa uma abordagem do conceito “vazio”. Em sua busca pelo vazio, a arte zen tende a produzir obras que comportam o mínimo possível de elementos formais, realizados de maneira direta e espontânea, sem possibilidade de retoques. Essa forma exige uma mestria perfeita da técnica, mas sobretudo uma estreita concordância com o que se deseja pintar. Cada tipo de toque de pincel possui um nome e um traçado particular. Um toque de pincel encostado ou não, deslizado, leve ou até mesmo um toque “de nada”, exprime o pulso interior próprio ao artista. No entanto, a técnica nunca é o objetivo em si.

O pintor deve estudar minuciosamente a natureza, meditar sobre ela até que sua essência o penetre, que a primeira pincelada conduza à execução da obra, pois o artista zen pinta para alcançar o *satori*. E o próprio ato de pintar é *satori*, ou seja, ele capta a respiração rítmica que anima todos os seres vivos. Por isso o artista não tenta reproduzir a natureza, e sim reproduzir, em seu princípio, a pulsação da criação universal. O único e verdadeiro toque do pincel só pode ser obtido no vazio absoluto. Mas, evidentemente, semelhante vazio não pode se entregar ao inconsciente, ser automático. Porque o vazio do zen exige uma grande disciplina e um evidente esforço da vontade. Antes da primeira pincelada existe apenas o vazio sem forma. Mediante o primeiro gesto criador do artista, o pintor e a plenitude da unidade identificam-se com a criação inteira. Porque a arte da pintura zen torna-se, mediante o culto à beleza, um instrumento de conhecimento, cujo produto final deve ser um espelho. E nesse espelho descobrimos o grau de espiritualidade alcançado pelo artista ✪

aproximar-se do zen

O zen é uma das correntes do budismo. Ele teria nascido no dia em que Buda, na Montanha da Águia, mostrou a um grupo de discípulos um ramo de flores de cor maravilhosa. Na lenda aqui contada, acontecem fatos inexplicáveis que ultrapassam toda lógica formal. Por isso, esse sutra é tido como o início do zen.

No sutra intitulado “Sobre as perguntas de Mahapitaka Brahmaraja”, é dito: “O Brahmaraja dirigiu-se a um grupo de budistas na montanha da águia e, inclinando-se profundamente, ofereceu ao Buda flores de lótus cor de ouro (*utpala*). Pediu ao mestre que pregasse o dharma para o bem dos seres perecíveis. Buda levantou-se e apresentou as flores aos deuses e aos homens. Ninguém compreendeu o significado desse gesto, salvo o reverendo Mahakashyapa, que sorriu e fez um sinal com a cabeça. Então Buda disse: “Sou proprietário do olho maravilhoso (a contemplação) do dharma, que é o nirvana, o Espírito, o mistério da realidade e da não-realidade, e a porta da Verdade transcendental. Agora eu o ofereço a Mahakashyapa”.

Este último transmitiu esse olho (a contemplação) que vê nas profundidades do dharma a seu discípulo Ananda. Isso aconteceu assim: Ananda perguntou a Kashyapa: “O que recebeste de Buda além da tua roupa e da tua taça?” Kashyapa exclamou: “Oh, Ananda!” Ananda respondeu: “Sim!” Ao que Kashyapa disse: “Queres devolver a bandeira que está perto da porta?” Como lhe pedia para fazer isso, o espírito de Ananda iluminou-se e Mahakashyapa transmitiu “o selo” do Espírito a seu jovem aluno. Depois de Buda, houve vinte e oito patriarcas cujos nomes são conhecidos no zen. Ananda foi o segundo que transmitiu o selo de bodhidharma; o vigésimo foi para a China no ano 520 da nossa era. Este bodhidharma era o terceiro filho de um rei do sul da Índia. Após ter estudado o budismo



durante quarenta anos, tornou-se patriarca do movimento dhyana. Viajou durante dez anos e chegou, em 520, ao sul da China, onde recebeu a hospitalidade do imperador Wu (da Dinastia Liang). Ele foi para o que é hoje a cidade de Nanquim, onde o imperador fez-lhe muitas perguntas que provinham de suas próprias reflexões. Dizendo-lhe que não sabia responder às suas perguntas, o bodhidharma viajou até um estado no norte onde entrou num claustro. Morreu em 528, aos 150 anos. Foi o primeiro patriarca que transmitiu “o selo do coração do Buda” ao seu



discípulo; este último transmitiu-o por sua vez aos seus discípulos. A partir do oitavo século da nossa era, o movimento zen tornou-se cada vez mais importante na China. Quase todos os grandes templos e claustros pertenciam a esse movimento, embora o zen como fé viva tenha quase desaparecido.

DUAS ESCOLAS Há no Japão atualmente duas escolas que conservam o ensino zen: o Soto, que tem sua origem na escola Ch'ing yueh, introduzida no Japão em 1233, e a escola Rinzai, oficialmente instituída em 1191 por Yesai. Essas duas escolas provêm da China. O zen não possui nenhum livro considerado por seus discípulos como autoridade, e não há prescrição alguma julgada essencial a ser seguida para o bem espiritual. É dito que o espírito do Buda transmite-se,

ou seja, é seu espírito iluminado que lhe permite transmitir o conteúdo dos livros mais sagrados. Os mestres do zen praticam sua religião sem nenhum escrito nem dogma. Desde sua origem e até hoje, não obstruem os ensinamentos tradicionais budistas. O próprio Buda conseguira isso de seus discípulos há muito tempo, conforme esta citação de Rinzai revela: “Ó tu, que segues o caminho, não consideres Buda como um ser que alcançou o cimo. Da mesma maneira que eu, ele está cheio de pecados. Os bodhisatvas e os arhats seguem uns aos outros, formando uma corrente indigna. É por isso que, com a sua espada, Manjusri matou Gautama enquanto Anglimala feriu-o com sua faca. Ó vós, que seguis o caminho, não há um estado de Buda a atingir. O ensino completo, o dos tríplexes veículos e dos cinco tipos de estado de ser, representa apenas



o ensino dos meios empregados para a cura de diversas doenças; elas não são de forma alguma realidades. De qual realidade são igualmente os ensinamentos? São apenas representações simbólicas, nada além de composições de letras arbitrárias. Eu vos afirmo. Oh, tu que segues o caminho, ouve: pessoas sem coração esforçam-se por encontrar algo com o que trabalhar e que os libertaria da servidão terrestre. Eles compreenderam tudo incorretamente. Se um homem procura um Buda, não o encontrará; se procura o caminho, se procura um patriarca, também nada encontrará.” É evidente que os instrutores zen esforçam-se por tornar seus alunos o mais autênticos e independentes possível, não somente nas suas interpretações do budismo tradicional mas ainda nos seus hábitos de pensamento. O que abominam fortemente é que o aluno se

Se um homem procura um Buda, não o encontrará;
se procura o caminho,
se procura um patriarca, também nada encontrará

entregue cegamente a uma autoridade externa ou se sujeite docilmente a convenções. Eles querem que o aluno viva de maneira individual e inspirada. Dão ao seu espírito toda a liberdade de progredir sem se submeter nem à idéia de um Buda que o salvaria, nem a uma fé cega em livros santos, nem a uma proposta incondicional de qualquer autoridade externa.

Eles aconselham seus discípulos a não aceitar nada que não reconheçam como verdadeiro. Devem rejeitar tudo que não se harmoniza com o seu espírito, seja sagrado, seja profano. Eles dizem: Não vos prendais as percepções sensoriais, não vos prendais a vosso intelecto, não confieis no dualismo nem em seu contrário; não vos deixeis fascinar pelo absoluto ou por um deus, mas sede vós mesmos e sereis vastos como os espaços, livres como um pássaro no ar ou um peixe na água, e vossa mente será transparente como um espelho. Buda ou não Buda, Deus ou não Deus, isso são somente discussões e jogos de palavras sem significado; somente a verdade, que está no ser humano, tem valor ✪

Fonte:

De geschiedenis van zen
(História do zen), D.T.
Suzuki (1870-1966); e
extratos de *Estudos do zen*,
Rider, 1955 CB.

zen na arte

Toda arte é um espelho que reflete as projeções mentais do artista. Mas nem toda arte é concebida como sustentação e manifestação de uma realidade espiritual. A arte zen preconiza bem isso. Ela quer que a beleza e a essência da filosofia confluem para uma compreensão imediata que leve diretamente à experiência da realidade fundamental: a verdade transcendental à qual aspiram interiormente todos os seres humanos.

Nos tempos em que o pensamento lógico ainda estava no começo e o intelecto humano ainda não desenvolvera sua paixão por classificar e dividir, a religião, a ciência e a arte formavam uma unidade de percepção e experiência.

A religião como processo de união – de reconciliação – e fusão com o divino, a ciência como compreensão do divino na natureza, e a arte como um processo de expressão do divino que os seres humanos carregam em si, mas de maneira não-manifestada, formavam um único alento naqueles que desejavam se esforçar pela transcendência.

Mas à medida que o mundo objetivo e a objetivação tomavam o lugar da subjetividade unificadora, essas três orientações primeiro se diferenciaram, depois se separaram e finalmente tornaram-se um tipo de hostilidade mútua.

Atualmente muitas vozes elevam-se visando uma unidade abrangente e uma globalidade que reúna e restaure os valores de suas raízes comuns.

Porque, se quisermos ter alguma possibilidade de êxito, é absolutamente necessário encarar corajosamente as três perguntas clássicas sobre o homem e seu destino.

Mas é possível restabelecer essa unidade?

“Se todos chamam de bonito o que é bonito, podemos reconhecer o que é feio.”

Nessas palavras do Tao Te King vemos o exemplo de como o intelecto, o pensamento, faz a diferença. A pergunta crucial então é: no

momento em que somos conscientes de que a ciência difere da religião e da arte, como podemos verificar que essas três orientações formam uma unidade? É possível haver uma reintegração das três? E se é possível, de que maneira?

Poderíamos dizer que seria possível por meio da arte, e também pela religião, mas a ciência é um caminho intransponível. A ciência atual se desenvolve mediante o característico pensamento lógico, e afasta-se de uma abordagem completa. E assim fazendo, segue um caminho absolutamente contrário à unidade intuitiva da cabeça e do coração.

O antigo pensamento científico residia na esfera da religião ou da arte, porque não pertencia ao domínio do pensamento objetivo. Hoje, o caminho para a consciência religiosa cósmica segue adiante, embora as igrejas se esvaziem. Mas, no Ocidente, o caminho da arte tomou uma direção que se afasta cada vez mais dessa possibilidade. É por isso que os pesquisadores, ou os que buscam a dimensão espiritual, sentem-se fortemente atraídos pela arte oriental e em especial pela arte zen. Muitos percebem nessa arte uma abertura consciente, ou uma experiência que palavras e linguagem lógica não podem expressar.

O zen, uma importante corrente do budismo, apresenta à consciência o problema da ilusão das nossas percepções, e o faz com uma certeza radical. A lenda do encontro de bodhidharma com o imperador chinês Woe-ti, mecenas e defensor do budismo, fundador de numerosos claustros e muito devotado à propagação desse ensino, é um exemplo dessa abordagem





radical. Quando Woe-ti perguntou ao bodhidharma sobre o mérito de suas obras, ele simplesmente respondeu: “Mérito nenhum”. Essa resposta é perfeitamente clara, pois é a comprovação de que o trabalho meramente exterior não pode ser a medida dos méritos

interiores. O que o bodhidharma deixa claro é que as experiências da consciência pessoal subjetiva são insignificantes, e que não têm nada a ver com percepções e ações objetivas. O zen salienta o conflito entre a lógica intelectual do pensamento discriminatório e o

O zen afirma que há conflito essencial entre a lógica intelectual das polaridades e o logos do pensamento espiritual

logos do pensamento espiritual. Esse logos possui outras regras sintáticas, e encontra sua expressão mais forte na linguagem profética e na poesia. Há séculos, o intelecto obstina-se em compreender essas expressões sem jamais conseguir, como o exemplo clássico de Aquiles e da tartaruga.

A esse respeito, o *koan* e o haicai são modelos de como o subjetivo, impossível de se traduzir com palavras por toda sua intensidade, vai além mediante algumas poucas palavras que servem como sugestões ou catalisadores da ligação sutil com o assunto subentendido. O *koan* é uma palavra, um sentido, um diálogo ou história, dos quais se servem os alunos do budismo zen para chegar à iluminação. Um haicai é um curto poema, a experiência de um único momento, composto livremente de três linhas de 5, 7 e 5 sílabas.

O último obstáculo a vencer reside na dicotomia entre o caminho e o objetivo, tão familiar ao pensamento racional ocidental e

tão categoricamente rejeitada pelo budismo. O budismo não tem objetivo e suprime um dos dois elementos contrários. Para ele, não há objetivo, há apenas um caminho.

Essa é uma teoria, a base de tudo o que precedeu, e que se inscreve no sentido cíclico do tempo, em comparação com o tempo linear da cultura ocidental. Apenas no centro estão o movimento e o tempo. Fora do centro tudo é cíclico e, portanto, infinito. E como não existe nem início nem fim, não há objetivo a alcançar.

Sob esse ponto de vista, somos capazes de viver cada momento como um todo e chegar à consciência universal do que deve ser realizado. E percebemos muito claramente isso na pintura zen. É a intensidade do momento, a paixão ardente e extraordinária do artista, que não podem ser explicadas nem pelo tema nem pelo motivo da pintura. É como ver o inteiro universo numa xícara de chá fumegante ☸

zen, intuição e arte

Uma análise das obras dos mais eminentes pintores da arte zen nos revela que essa arte distingue-se por um estilo próprio, constituindo, em si mesma, uma escola. Talvez seja mais apropriado dizer que alguns artistas, entre eles os monges zen, procuram, por meio de suas obras, transmitir sua própria visão e sua filosofia de vida. Se compararmos as várias manifestações de arte zen, veremos que de fato existe pouca uniformidade nas várias fases de um mesmo artista.

por Mar López, instrutora zen

As paisagens de Sesshu (1420-1506), por exemplo, em sua primeira fase, são cheias de movimento, a pressão do pincel é tensa, o traço, intenso, elegante. Apesar da idade (quando tinha setenta e seis anos), seu trabalho caracteriza-se por uma estética espontânea, refinada e poderosa. As pinturas de Sesshu (ligadas à estética japonesa do período Muromachi), comparadas ao trabalho de outro grande representante da arte zen, o monge Sengai (1750-1837), do ponto de vista estético não mostram grande contraste; as de Sesshu sugerem um espaço, uma atmosfera, e as de Sengai uma abstração conceitual refinada.

Então, não se poderia dizer que a arte zen representa uma tendência formal específica. Desse ponto de vista, o estilo sumiê, como praticado no Ocidente, não é uma autêntica pintura zen, mas sim seu oposto.

Dessa forma, uma segunda questão surgiu quando iniciei uma série de fotos inspiradas na arte zen para descobrir uma estética atual que exprimissem minha própria visão da natureza. Sem dúvida eu não queria me limitar a seguir os modelos antigos, e menos ainda os estereótipos da pseudo-arte zen. Não sou nem monge nem ermitão, e minha condição sócio-cultural difere consideravelmente da desses artistas que nos legaram obras tão extraordinárias.

A terceira questão é a técnica. A tradição exige que um pintor zen trabalhe com pincéis

de pêlo de lobo ou similares, tinta preta ou colorida sobre seda ou papel de arroz, ao qual acrescenta inscrições, estampas e outros elementos. As combinações de cores, os matizes, o peso do pincel, sua pressão sobre o papel, a forma do traço, constituem a base da técnica da pintura tradicional oriental.

Em minhas obras, emprego outros meios e outros suportes, como, por exemplo, máquina fotográfica e computador. Nesse momento, a questão em meus pensamentos é simples: se um monge zen do período Muromachi tivesse esses recursos à sua disposição, tê-los-ia usado para criar suas obras? Pergunta puramente retórica, à qual respondo com um honesto sim. O zen não possui dogmas, não impõe, a priori, nenhuma concepção, nenhuma verdade, mas conduz à experimentação pessoal. Assim, por que impor a mim mesmo restrições técnicas, já que a técnica nada mais é que um meio que conduz a um fim?

Quando essas questões surgem e são bem ou mal resolvidas no nível conceitual, resta ainda o ponto central a responder: qual é a essência do zen e como pode ele contribuir para a arte? Encontrei uma indicação muito esclarecedora em uma pintura zen, “O jardim da semente de mostarda”, do mestre Lu Ch’ai, que diz o seguinte: “Quem aprender a pintar deve primeiro acalmar o coração, pois assim terá o espírito claro e a consciência ampliada”. Esse preceito está em total concordância com



Escultura mural zen, *Um sol* (metal, Ryan Beard, 2006)

a mudança de vida aconselhada pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, segundo a qual o coração é não somente a sede dos sentimentos mais puros, mas também o ponto de contato com o ser interior. O problema é que geralmente nosso coração encontra-se repleto de desejos materiais egocêntricos e nossas aspirações resvalam para os prazeres físicos ou para a satisfação imediata de nossos desejos materiais. Nossas emoções e sentimentos alternam-se entre gratidão e indiferença, entre amor e ódio.

Mas o zen propõe “trazer calma ao coração” como base para o aprendizado da pintura. E trazer calma implica libertar-se da dualidade, da lei dos opostos, do bem e do mal deste mundo. Em minha opinião, isso só pode ser alcançado primeiro mediante nosso despertar e em seguida pela união com o que, como seres humanos, possuímos de divino, com ser interior latente que vive em nós.

Como alcançar essa paz interior que ainda não

está no coração? Como alcançar o silêncio? Sem dúvida, existe uma quantidade imensa de exercícios e práticas voltados para esse objetivo, mas a crua realidade é que isso é completamente impossível para nós enquanto o divino em nós, esse estrangeiro alheio aos desejos e à agitação deste mundo, não houver despertado.

Não estou dizendo que a meditação, por exemplo, não possa contribuir para a obtenção de um estado de consciência, mas que os exercícios e práticas, sejam quais forem, inclusive a meditação, são procedimentos sem grandes efeitos enquanto o ser interior não estiver desperto em nós, enquanto o coração continuar a desejar aquilo que lhe é inerente: as coisas deste mundo.

Na obra do mestre Lu Ch'ai, encontrei outras chaves transmitidas no passado aos aprendizes da pintura zen e pude utilizá-las no desenvolvimento de meu trabalho. Esse mestre japonês insiste na importância da repetição, para que as

Trata-se de uma experiência intuitiva em que cada toque do pincel é dado segundo um ritmo harmonioso religado ao batimento do coração do universo

pinceladas surjam espontaneamente, sem que haja necessidade de refletir sobre elas. Não se trata, é claro, de estabelecer normas baseado em cópias repetidas milhares de vezes, mas de libertar o espírito de preocupações vãs a fim de interromper o fluxo incontrolado dos pensamentos que nos afligem sem cessar. Se ele domina a técnica, surge uma expressão suave e natural. Esse princípio não é base apenas na arte zen, mas em todas as formas de arte, para uma criação livre e sem condicionamentos. Nesse sentido, o artista deve estar acima da técnica, controlá-la antes que sua pintura possa ser uma extensão natural de sua consciência. Ele deve não apenas – pela repetição e pela prática – dominar a técnica de tal forma que possa ficar à parte durante o ato criador, mas também ser capaz de ter uma idéia global do conjunto, tão precisa quanto possível, daquilo que deseja pintar, para que dúvidas e angústias não impeçam a harmonia perfeita entre mão, mente e alma.

Sob essa perspectiva, o artista zen observa atentamente as profundas relações que existem entre o ser humano, a natureza e a realidade superior. A esse respeito fala-se frequentemente de identificação com a natureza.

“Antes de pintar um bambu, é preciso primeiro senti-lo interiormente e fazê-lo crescer”, diz outro grande mestre zen, Su Dongpo.

É verdade que o ser humano só é capaz de observar aquela parte da realidade que ele já vivenciou interiormente. Do mesmo modo que não é possível chegarmos à iluminação se ela já não estiver presente nas profundezas de nosso ser, também o artista não pode pintar a natureza em suas várias formas e manifestações se ele mesmo não fizer parte dela.

É da maior importância que o artista zen perceba que seu olhar, sua percepção, é criador, no sentido de que cria a realidade que ele é capaz de observar.

O problema é que nossa percepção, nossa visão, não se encontra firmemente alicerçada na unidade, mas no que é fragmentário, na dualidade. Assim, antes que possamos pintá-lo, é preciso que o bambu cresça em nosso interior, que haja uma fusão entre o que é observado e o observador, entre o homem e a natureza, portanto, apenas quando o que não é dual nem fragmentário se manifestar no ser humano, ou em outras palavras, quando formos capazes de criar um veículo ou alma que possibilite a coesão entre a consciência natural e a consciência divina.

Concluimos que o artista zen não imita a natureza, mas revela a energia interior que é una com o universo, e que, na falta de termo melhor, chamamos de alma.

O termo alma envolve muitos aspectos e

muitas qualidades, mas pode-se dizer que, em essência, uma alma só se consolida no ser humano quando consegue atrair e trabalhar com a substância primordial que dá forma ao universo, a “mãe”. O artista zen sente-se como um órgão do gigantesco corpo que é a mãe terra, e, nessa unidade, funde-se com a natureza superior, com a parte de seu ser que transcende a matéria.

Trata-se de uma experiência intuitiva em que, com a mente tranqüila, cada gesto, cada toque do pincel, é dado segundo um ritmo harmonioso religado ao batimento do coração do universo.

Por outro lado, está claro que o crescimento do bambu na pintura tem vários estágios e níveis. Do primeiro nível, contudo, o artista zen é inserido em um corpo cósmico que o alimenta, no qual se desenvolve e que, no devido tempo, ele ajuda a desenvolver.

Sem dúvida o nível mais elevado é alcançado quando a consciência do artista funde-se com o ser divino interior e ele já não é ele mesmo, mas o “Outro nele”.

A compreensão dessa experiência implica em uma condição especial, pois não se trata apenas de sensibilidade, mas de flexibilidade mental e intuição.

Intuição e inspiração estão profundamente ligadas entre si. Como o artista zen raramente faz esboços ou estudos, e como ele não está habituado a pintar a natureza real,

seu trabalho em seu estúdio é mais uma recriação após a observação do modelo. Portanto, o artista zen não se prende ao momento único e transitório que transmite características atmosféricas e ambientais manifestadas na natureza. Ele não busca o transitório e volátil, porém tenta penetrar a própria essência da natureza e demonstrar os valores que transcendem o que é temporal. Naturalmente, essa busca pelo não-temporal não implica que o artista zen não possa reproduzir “o momento” ou “o agora”, pois sem dúvida o “agora” é a única realidade em que ele dá forma a seu trabalho, como ocorre no haikai (os poemas zen). Em sua experiência de união com a natureza é evidente que ele reage às várias transformações da natureza.

Sim, o artista zen ruge com a tempestade, voa com o vento, gorjeia com os pássaros, zune com as libélulas, sente-se renascido em cada botão de flor da amendoeira e morre com cada folha seca que cai da árvore. Ele vivencia todas essas experiências e o mistério que as cerca porque, no mais profundo de si mesmo, encontrou o centro silencioso, o vazio sagrado onde pode sentir tudo, mas não é tocado por nada.

Imerso nessa calma e nesse silêncio interior, o artista zen vive a experiência da arte como pura irradiação estética, como fonte de novas percepções e verdadeiro conhecimento ✪

valor pessoal

O valor do homem é relativo. Às vezes ele é considerado como um deus não desenvolvido, às vezes como um tipo de inseto, feliz, desde que não seja pisoteado. Entre esses dois extremos encontra-se a plenitude das qualidades humanas: coragem, valor próprio, consciência de seu valor ou modéstia, submissão, humildade...

Somos atirados de uma margem a outra desse rio que chamamos vida. Nunca vemos ou experimentamos essa corrente de vida que permanece um conceito abstrato, presos entre desdenhosamente “indignos” e promissora-mente “eleitos”. E entre os dois estão o medo e a esperança.

Desde nosso nascimento, somos embarcados em um trem com uma passagem nos enviando em linha reta até a estação chamada “Previdência Social”, munidos da bagagem necessária a um cidadão decente para chegar ao “bom fim”. A interpretação de “bom fim” depende do alvo que atingimos. Seja como for, a esperança reside nos três dons com os quais a terra nos dá as boas-vindas: 1. um corpo, conhecido como veículo; 2. conhecimento e; 3. ânimo, motivação. Espera-se de cada recém-chegado nesta terra que ele melhore o mundo, mas isso ninguém ainda conseguiu.

Sob esse aspecto seria interessante revermos o tríplice capital inicial de vida.

O corpo é, em verdade, um instrumento maravilhoso, embora tenha, como sabemos, suas singularidades.

Quantas vezes ele segue seu próprio caminho, e nos momentos menos esperados se cansa, cai doente e por fim falha completamente.

Nossa forma material aparente é tão imprevisível quanto controversa. Shankara, um mestre hindu do século 7, descreve o homem como “saco de matéria fraudulenta e suja”, mas continua: “desperto para a vida [...] ele serve como instrumento de experiência para Atman”. É evidente que

recebemos nosso corpo para realizar algo com ele. Sob o rótulo “conhecimento” classificam-se todas as ciências e experiências reunidas pela humanidade até os dias de hoje, transmitidas por nossos predecessores, o assim chamado *savoir vivre*. De uma coletânea retiramos esta breve citação: “Experiência é o nome que damos ao somatório de nossas tolices”. Esse “somatório” nos é generosamente atribuído como bagagem de viagem, na esperança de que aprendamos com ele.

Mas isso acontece? A grande constante da História é: guerra. E geralmente conclui-se de tantas batalhas que a guerra é inútil e em nada resulta. E o que fazemos? Num cemitério de guerra na Bélgica encontramos num epitáfio a frase de Albert Einstein: “Não sei com que armas será feita a terceira guerra mundial, mas sei as que empregaremos na quarta guerra: paus e pedras”. Isso simplesmente está ali, e quem sabe quantas palavras semelhantes estarão escritas em outros lugares no mundo. Mas parece que toda sabedoria e todo conhecimento fracassem diante de uma barreira estrutural na nossa consciência.

Mas o que nos move, então? O que nos impulsiona...? Isso nos remete à terceira parte de nossa bagagem: o ânimo. O que nos anima? Superficialmente, depois do exposto acima, não precisamos buscar muito longe. O que fazemos e o que deixamos de fazer na maioria das vezes é determinado pelas necessidades, ambições e possibilidades de nossa personalidade.

Os aspectos sócio-cultural e econômico destinam a cada recém-chegado o seu papel na coletividade, e espera-se que ele use os talentos

recebidos para alcançar um desenvolvimento mais elevado. Há indicações de que esse é realmente o caso? As aquisições da raça humana não devem ser subestimadas. Mas como saber que os atletas de hoje são verdadeiramente mais fortes e rápidos que os de ontem? Sabemos de fato mais que nossos antepassados ou só estamos reinventando a roda? Temos certeza de que contribuímos com algo novo sob o sol?

Desse complexo confronto com a questão de saber em que medida contribuímos para o bem social nasce um sentimento quanto a nosso próprio valor pessoal, quanto à estima que temos por nós mesmos, interior e exteriormente. Daí resulta uma imagem de nós mesmos, uma consciência, um “eu”. E esse “eu” está relacionado com a consciência coletiva, o fornecedor do capital inicial, e coloca, por sua vez, suas exigências. Infelizmente, o assim chamado valor pessoal que experimentamos não passa, com frequência, de um capital fictício; e como nem o corpo, nem a personalidade, nem o saber, nem o valor pessoal, nem a aspiração conseguiram “melhorar o mundo”, a medida de nosso valor cai, com toda velocidade, para o ponto zero.

E disfarçamos esse ponto zero com complexos, ansiedade e depressões – ou álcool, drogas, internet, ou em outras palavras, com a fuga da dura realidade.

Entretanto, podemos de fato encontrar algo novo sob o sol. Nada se perde neste mundo, e todo desenvolvimento pode nos levar a um ponto onde é possível descobrir uma abertura para um novo horizonte. Aí a fuga do mundo pode se

tornar uma pesquisa consciente do mundo, com suas intenções e possibilidades.

Este é um axioma conhecido: o homem é dual e há duas ordens de natureza: a natureza comum terrestre e o que chamamos de reino dos céus ou mundo imutável. Dessa maneira, duas almas habitam em nós. Uma é a alma animal ou alma-sangue, o sistema diretor fundamental com o qual nascemos. Ela permite que abramos caminho através do mundo material, da sociedade, dos relacionamentos com nossos amigos e com a natureza e, na maturidade, orientar nosso caminho para a elevação.

Esse sistema diretor não é, portanto estático, mas comporta um processo de aprendizado que objetiva certo ensinamento, um processo que pode conduzir à descoberta da segunda ordem de natureza, com um sistema operante totalmente diferente. Poderíamos chamá-lo de nova “consciência”, mas baseada numa mentalidade e num código de comportamento que não são explicados por educação, tradição e estudos, embora haja pontos comuns. Por exemplo, as duas vozes dizem-nos: “Não matarás”, mas a voz da nova consciência estará várias oitavas acima da que ouvimos até agora, como algo de que sempre tivemos consciência e independe de normas éticas. Talvez essa nova luz ainda seja muitas vezes encoberta pelas trevas, mas a eternidade espera pacientemente. Então descobrimos a voz de outro programa do qual não estávamos conscientes e que de muitas formas completa e transcende o antigo programa.

Isso inicia pelo auto-conhecimento, por saber

Arco-íris da criatividade.Thalia



Uma nova percepção, não sensorial, um novo saber não intelectual, uma nova motivação, livre de pressão social e interesse pessoal



quem somos. Por exemplo, a idéia de que somos mais que uma cópia de nossos predecessores, que nos transmitiram uma bagagem tão grande. Descobrimos dentro de nós algo original, um valor próprio especial, maior que o eu consegue abarcar. No início não ultrapassa um vislumbre, mas isso nos coloca diante de uma bifurcação. O reconhecimento da impotência de todo o nosso saber e de nossa fé pode levar à modéstia e à humildade. Entramos numa fase de vida meditativa, uma “fase de deserto”, que leva ao silêncio. Nela encontramos a possibilidade de enterrar nossos talentos, a bagagem que nos foi entregue, junto com nossas frustrações, e no mesmo momento temos a chance de, nesse silêncio, sentir os outros valores como uma realidade. Então entramos numa fase vivente, renovadora. Nasce uma nova percepção, não distorcida pelos órgãos sensoriais, um novo saber, não deformado pelo intelecto, uma nova motivação, livre de pressão social e interesse pessoal.

Nas profundezas, sob as areias do deserto, jorra uma fonte desejosa de nos despertar para a realidade vivente. Ele faz a renúncia passiva – a humildade, o caminho da resistência mínima – tornar-se humildade ativa, uma motivação para servir ainda desconhecida. No caminhar interior, os limites das habilidades naturais são reconhecidos, aceitos e reduzidos às devidas proporções. A aparência exterior coloca suas faculdades a serviço da realidade redescoberta. Esse é o novo capital que foi construído com o novo ânimo da antiga personalidade, que parecia tão pequena e frágil ✪



SÉRIE APOCALIPSE

vol. I

A VESTE-DE-LUZ DO NOVO HOMEM

J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri

Neste primeiro volume da obra *O apocalipse da nova era*, com o conteúdo integral da primeira Conferência de Renovação de *Aquarius*, realizada em 1963 em Bilthoven, Holanda, os autores expressam com ênfase e extrema clareza a necessidade da purificação da veste-de-luz do ser humano como condição prévia para ele poder trilhar a senda transfigurística do retorno ao mundo divino.

1ª edição abril 2009
96 páginas R\$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-48-1



O SELO DA RENOVAÇÃO

Catharose de Petri

Com base em trechos do Evangelho de João, Catharose de Petri explica os diversos aspectos da estrutura de uma escola espiritual gnóstica a serviço da Fraternidade da Luz, a Fraternidade de Cristo.

Lecturum Rosicrucianum
Cala Posad 39 - 13240-000 - Jaross - SP - Brasil
Tel. (11) 3061.0904 - (11) 4016.1817 - fax (11) 4016.5638
www.lecturum.org.com.br - info@editoralvc.com.br

2ª edição - novembro 2008
104 páginas R\$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-50-4





O Espírito fala conosco no coração. Por isso, cada um que anseia pela Gnose deve aspirar a uma verdadeira purificação sétupla do coração.

No ser humano que faz isso reta e persistentemente a luz pode “morar”. Nele mudam a vida sensual e também a vida mental.

Desse momento em diante, tudo que ele empreende está de acordo com a sétupla purificação do coração. Então, ele é puro em tudo que faz ou deixa de fazer. Só então ele entra na “*esfera do bem*” como Pimandro a denomina: no estado do verdadeiro crescimento da alma.

J. van Rijckenborgh